VIDA DIGITAL

VD

CORY DOCTOROW

FOR THE WIN

Roberto Almeida
Especial para o Estado
Londres

Na fala rápida, em que as palavras se embolam num enxame de sentidos, Cory Doctorow, *mezzo* ativista e jornalista, *mezzo* romancista e coeditor do blog BoingBoing, arranca gargalhadas da plateia da Universidade de Westminster, em Londres.

O discurso é parte da Open Rights Group Conference 2012, encontro organizado no último dia 24 pela ONG que dá nome ao encontro, defensora da liberdade e dos direitos na internet. Doctorow, que também é um dos fundadores do grupo, fala sobre como o copyright extrapolou o software. Agora há uma restrição de fábrica, com máquinas atoladas de bloqueios, filtros e vigias preparados para reprimir qualquer passo fora da linha.

Ao fim da cachoeira de informações e sacadas bem costuradas, Doctorow pede perguntas. Uma senhora se levanta e faz o apelo: "o que fazer com as nossas escolas, que filtram as informações e regram o comportamento de crianças e adolescentes como se eles não fossem nada além de usuários passivos?"

Ele respira fundo e avisa: "O que precisa ser ensinado é como as coisas funcionam sob a superfície. E que dados pessoais são mais importantes do que qualquer coisa neste mundo."

A internet segura, segundo Doctorow, é a mesma que vigia e pune com rigor. Os sistemas fechados de uma escola, por exemplo, com rastreamento clique a clique, repetem a lógica de governos ditatoriais, que tentam a qualquer custo derreter a privacidade de seus cidadãos. "Estamos presos a uma guerra amaldiçoada", disse, em entrevista ao *Link*, após a palestra, no belo saguão de mármore da universidade, na Regent Street.

Pela frase dá para duvidar, mas Doctorow não é pessimista. Pelo contrário. Sua visão do poder da tecnologia da informação está ligada a tudo o que já fez na carreira. Editar o BoingBoing, avô dos blogs, o diretório de coisas bacanas da internet, mostrou a ele que desse mato sai coelho. Ponha na fatura os livros de ficção científica que escreveu, e seu ativismo na Electronic Frontier Foundation rascunhando relatórios de antiespionagem e contrainformação.

Cada faceta do trabalho alimenta outra. O raciocínio é de quem circula – e mergulha – no assunto com uma posição bem definida, que desafia a base do controle virtual.

Falácia. "Vivemos hoje a falácia do cara que aposta demais", afirma Doctorow. "Ele não consegue parar de apostar quando está perdendo, porque já perdeu muito dinheiro, entende? Ele não pode desistir da guerra para fazer que a internet seja mais segura para jovens, precisa continuar perseguindo a internet."

Emerge, então, a palavra-chave que impõe filtros e bloqueios: pornografia. Como contornar? "Quem advogaria por menos filtros de pornografia nas escolas? É uma campanha complicada, certo? Mas o fato é que filtros antipornografia não bloqueiam toda pornografia. E você precisa bloquear toda pornografia que crianças podem ver. O mesmo acontece em relação à violência, etc. Por outro lado, a gente bloqueia coisas boas para adolescentes – especificamente as que ensinam como eles devem fazer para não ser espionados na internet."

Seria então tarefa das escolas ensinar a importância dos direitos à privacidade? Seria obrigação dela dizer ao aluno que seus passos na internet viram pegadas, e que as pegadas estão sendo seguidas – no Brasil, nos Estados Unidos, na Síria ou na Arábia Saudita – e que um dia a livre caminhada pela rede pode não existir mais? Não para Doctorow.

"As escolas não querem ensinar isso porque afetaria sua própria luta contra a internet", rebate. "Ensinar técnicas de como manter a privacidade na rede é algo que fica para trás. Depois de garantir que a pornografia nunca chegue aos jovens, a gente não faz mais nada por eles. E isso é um desastre!"

O ativista continua falando rápido, na força do raciocínio veloz. Uma hora, você espera, o assunto vai desembocar em copyright – o cavalo de batalha de Doctorow, que empunhou e ainda adota a bandeira do Creative Commons. Mas não. Ele se diz cansado de tratar do tema. Enveredа mesmo por Facebook, Google e espionagem. "Mantemos uma situação bizarra de controle corporativo nas escolas, mas deixamos que eles (*os estudantes*) entrem no Facebook", ressalta, apontando a contradição.

Não é novidade que Doctorow, 40 anos (como se idade, no caso dele, importasse), tenta revirar a cabeça dos adolescentes. Em seu último livro, uma ficção científica juvenil, ele explora a ideia de organização quase sindical entre gamers, misturando virtual e realidade. A obra chama-se *For the Win* (quer dizer "rumo à vitória" em inglês e na gíria online virou o acrônimo FTW), uma expressão entusiasmada, positiva para fechar uma frase qualquer de efeito.

Cidadão x repressão. O otimismo renasce, FTW. "Treinar crianças a ser cidadãs e participantes da sociedade da informação não deveria ser como administrar um governo repressivo", critica. "Eu não acho que computadores de finalidade geral (*os PCs de mesa ou notebooks tradicionais*) resolveriam esse problema, e sim uma ação coletiva. Estudantes que coletam informações sobre esses sistemas talvez possam desenvolver uma tese robusta. Mas dizer para as crianças quebrarem as regras individualmente não funciona", disse.

Doctorow trata os computadores como forças do bem e do mal – mais para o bem, diga-se com ênfase. Principalmente porque, para ele, os computadores do mal só podem ser combatidos por... computadores. "É uma espécie de reducionismo. Mas é isso que espero. Que os computadores possam reagir", afirmou logo antes de posar sorridente para a foto que você vê na página. Como diz o subtítulo de *For the Win*: "No mundo virtual, é preciso se organizar para sobreviver".

• A repressão na internet **preocupa o ativista Cory Doctorow**. Mas o dono do blog mais popular do mundo não perde o otimismo, descrito pela **expressão gamer: 'rumo à vitória'**

Digitalizar é como construir estradas

Cory Doctorow falou ao *Link* após abrir o OrgCon2012, o encontro anual do Open Rights Group, que ocorreu em Londres no dia 24, com foco em direito à informação e liberdade na rede. Entre palestras e workshops que tomaram o dia, o destaque foi a apresentação de Benjamin White, representante da British Library, e Nick Poole, do Collections Trust – ONG que trabalha para melhorar o acervo de museus –, para falar de copyright e digitalização de acervos. De acordo com White, há obras da British Library datadas do século 19 que ainda são protegidas pela lei de copyright.

O engessamento da lei e a postura dos patrocinadores da digitalização do acervo fizeram que, até hoje, apenas 7% do conteúdo esteja em formato digital – a maioria, apenas para "preservação", e não para divulgação.

Poole, em crítica direta à queda dos investimentos em curadoria digital, afirmou que "digitalizar um acervo é como construir escolas e estradas de um país". "É assustador e triste quando o modelo de negócios (*de museus*) é um só. É preciso mostrar o outro lado e afirmar que um museu não acaba porque seu conteúdo está todo online", disse. /R.A.

'Contrassenso. 'Mantemos uma situação bizarra de controle corporativo nas escolas, mas deixamos os alunos entrarem no Facebook'

ROBERTO ALMEIDA/AE

Fonte: O Estado de S. Paulo, São Paulo, 2 abr. 2012, Link, p. L6.